

## EDITORIAL

O mundo se contorce em espasmos malsãos provenientes da incompreensão dos homens, o caos das ambições e dos interesses insatisfeitos se prenuncia assustadoramente em rumores longínquos de aços que se afixam em aguçadas pontas, ou no satânico "tan-tan" de bombas experimentais dos preparativos bélicos. Pactos, tratos e conferências se sucedem no nervosismo natural de quem tem a certeza de que a guerra de ontem, parodiando as palavras de Moltke, será um brinquedo de crianças, diante da violência da de amanhã...

No entretanto, nesse florido mês de maio, há seis anos atrás comemorava-se a Vitória das Armas aliadas na Europa, festejava-se a alegria dos Povos Democráticos que viam emergir da brutalidade sem par das competições de Fôrça, a sutil e subjetiva Fôrça do Direito, igualando fortes e fracos, num devaneio utópico da verdadeira Fraternidade Universal. Mas curta e fugidia foi a Paz de maio de 1945. O amigo de ontem, embriagado no bálsamo delicioso da vitória, esquece, breve, o apêlo sobreumano de seus aliados, que o arrancaram do fundo de uma fragorosa derrota esboçante, renega, numa incompreensível ingratitude, o auxílio de que se locupletou para alimentar seu povo e rearmar seus exércitos e, num requinte de deslealdade, tenta impor exigências mais descabidas ainda, que as do inimigo comum batido anteontem.

O Brasil, empenhado no Pacto do Atlântico, prêso às decisões do Tratado do Rio de Janeiro e participante ativo da Conferência dos Chanceleres Americanos, vive também momentos de grande ansiedade e embora sentindo não completamente cicatrizadas as chagas da última guerra, há de saber honrar seus compromissos político-internacionais, colocando-se decidida e sobranceiramente nas falangas da facção sadia, dêste bipartido mundo, disposto a lutar, se preciso fôr, pela defesa do Direito e da Razão.

E não é outra a tradição histórica do nosso povo. Em maio de 1865, firma-se o tratado da Tríplice Aliança, contra a tirania de Lopes; um ano mais tarde, nos campos de Tuiuti, conquista-se um dos mais expressivos louros dos feitos dardas dessa campanha. No campo da política interna, 13 de maio evoca o fim do odioso regime escravagista, se não representar mesmo o início objetivo dos ditames Democráticos do País. Jamais o Brasil terçou armas que não fôssem contra a Tirania e a favor da Liberdade.

Candias, morto a 8 de maio de 1880, para rediviver eternamente no coração do Soldado brasileiro, para ser decantado solenemente pelos componentes da F.E.B., a 7 de maio de 1945, está a apontar a sublimidade de sua glória e no respeito místico de sua evocação, o caminho da honra e do dever aos bons brasileiros, assinalando que nesta terra de palmeiras não só por frase poética se canta:

"... se ergueres da Justiça a clava forte,

"Verás que um filho teu não foge à luta,

"Nem teme quem te adora a própria Morte..."

Praza aos céus que os anjos do Bem, com seus seráficos e divinais sopros, consigam dissipar a negra nuvem da Guerra que começa a toldar os horizontes, e que a Virgem Maria, com a sua extrema bondade, ouça, neste seu mês de consagração, a prece ardente de todos os homens de boa vontade:

"... Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores..."